

“Dirigindo-se para o sul, olhando para o norte”:
Bilingüismo e hibridismo cultural nas memórias de
Ariel Dorfman

Róger Luís Closs, Cláudio Pereira Elmir (orientador)

Programa de Pós Graduação em História , UNISINOS.

Resumo

Introdução

A proposta desta comunicação é analisar a obra *Uma vida em trânsito: memórias de um homem entre duas culturas* (1998), escrita pelo intelectual Ariel Dorfman. Exilado do Chile após o golpe militar de 11 de setembro de 1973, o autor narra em seu livro sua experiência bilíngüe, ocorrida pelo fato de ter nascido na Argentina e vivido no Chile e nos Estados Unidos, além de ser descendente de judeus. Suas duas línguas, o espanhol e o inglês, representam as duas culturas nas quais ele oscila devido aos contrastes de suas experiências. Esta análise tem como objetivo observar em que medida é possível ser um latino-americano que, desde o norte (EUA), olha para o sul e, ao mesmo tempo, trazer consigo elementos da cultura norte-americana. Estes traços estão diretamente ligados com a infância do autor, na qual, em um determinado momento, ele nega o idioma espanhol e quer apenas se comunicar em inglês, criando uma nova identidade para si. Ao resgatar sua latino-americanidade, anos depois, entrando em comunhão afetiva com o Chile, vê-se obrigado a enfrentar o exílio após o referido golpe.

Metodologia

A metodologia deste trabalho consiste na análise da obra autobiográfica *Uma vida em trânsito: memórias de um homem entre duas culturas* (1998). Para realizar tal empreendimento, devemos nos orientar em termos teórico-metodológicos através da literatura que tem refletido acerca dos relatos de memória. Ao mesmo tempo, será fundamental averiguar em que medida os conceitos de “hibridismo cultural” e “bilingüismo”, na forma

como são discutidos pela historiografia recente, ajudam a esclarecer o testemunho do autor expresso no referido livro. Para tanto, partiremos da leitura de alguns autores, os quais podem iluminar a nossa discussão. São eles: Néstor García Canclini, Stuart Hall e Edward Said.

Resultados (ou Resultados e Discussão)

Tendo em vista a experiência de vida de Ariel Dorfman e as formas pelas quais ele a manifesta na sua escrita, é possível se questionar, junto a Stuart Hall: “o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento após a diáspora?” (HALL, 2003, p. 28). Sua escrita autobiográfica aponta para uma solução a este questionamento situada na própria trajetória intelectual do autor e, antes desta, na de seu pai, o qual foi um diplomata e que, por esta e outras razões, esteve também sempre na contingência da mobilidade espacial e cultural.

Conclusão

A emigração de Ariel Dorfman e sua família para os Estados Unidos nos anos 1970 atende a necessidades diferentes a de seus pais quando estes foram para aquele país anos antes. Ao deixar o Chile após o golpe militar de 1973, Dorfman pertencia ao grupo majoritário, com uma boa condição social e intelectual, embora não tenha ido para o destino mais procurado, que era a Argentina. Quando criança, por escolha de seus pais, viveu nos Estados Unidos, e isso acabou por orientar a sua própria decisão quando adulto.

Referências

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

DORFMAN, Ariel. *Uma vida em trânsito*. Memórias de um homem entre duas culturas. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

